

considerá-lo à altura, comentar: "... no decorrer de minha carreira fui granjeando uma conceituação importante até o ponto de você me procurar para uma entrevista".⁽³⁾ O pesquisador estava aprovado.

Tais constatações confirmaram a necessidade de ponderar as respostas obtidas, pelo risco latente de confundir o material de imaginário referente a cinema e universo da Boca, com a imagem que o entrevistado formava a respeito do pesquisador. De qualquer forma, o profissional de cinema se via na contingência de se "explicar", segundo algumas formas básicas: desprezo pelo próprio trabalho, numa posição claramente defensiva; preocupação em evoluir até uma posição harmoniosa com a visão mais acadêmica de cultura; e finalmente, há os que assumiram a postura de homens solitários (como os mocinhos do faroeste), em luta constante contra os obstáculos — dificuldade de conseguir dinheiro, hostilidade dos meios intelectuais, indiferença da imprensa, etc. Três alternativas do indivíduo e seu modo de ser em relação à cultura estabelecida.

O período que vai do final de 1978 até quase a metade de 1980, marcou um relacionamento ininterrupto com a Boca, que enriqueceu a visão do pesquisador ao mesmo tempo que tornou-lhe impossível manter uma postura neutra (ou científica se preferirem), pois o envolvimento emocional se mostrou inevitável.

Além dos depoimentos, foram reunidos textos da imprensa diária que focalizavam, ainda que indiretamente, a produção da Boca, releases de produtores, fotos, relatórios de exibição, diagnósticos do Sindicato dos Produtores, roteiros e documentos de época. Não faltou inclusive o comparecimento a algumas filmagens, e presença em uma ou outra avant-première. Sem falar, naturalmente, da atividade cotidiana de ver os filmes nas salas do centro da cidade.

O que se tentou nesse texto final da pesquisa, foi elaborar um perfil — o mais aproximado possível — deste universo cinematográfico em suas múltiplas instâncias, onde convivem o grande produtor e os técnicos que trabalham, na maioria das vezes, sem nenhuma garantia e a troco de ofertas aviltantes; a garota do bairro distante a sonhar com o estrelato, e a atriz que recebe 200 mil cruzeiros por sua participação num filme; o diretor estreante com o velho artesão já sem maiores ilusões, e que faz do cinismo a sua melhor defesa, e daí por diante. Em outras palavras, um pequeno mundo — aliás, único no país — onde só se respira cinema, e rico em diferenciações internas e nuançado o suficiente para não atingirmos num primeiro momento toda a sua complexidade.

(2) Segundo dados fornecidos pelo Sindicato da Indústria Cinematográfica do Estado de São Paulo, foram lançados em 1977, só na capital, 76 filmes brasileiros. Deste total, a "Boca" participa com 25, ou seja, 30%. Em janeiro de 1978, Alfredo Palácios, então presidente da entidade, observava que São Paulo permanecia o maior investidor privado do cinema brasileiro (ao contrário do cinema carioca, que conta tradicionalmente com participação da Embrafilme). Respondendo a possíveis argumentos relativos ao elevado número de filmes visando exclusivamente a bilheteria, Palácios lembra, em sua análise, a lógica do processo econômico onde "quem investe quer retorno e lucro".

(3) Depoimento de Oswaldo Massaini ao IDART em 29 de abril, 6 e 13 de maio de 1980.